

idade

“Eu já tinha certo vínculo com o PTB, votava em candidatos identificados com o partido, como o Temperani Pereira, mas a partir daquele momento minha relação com a política se modificou.” Bastos ressalta a coragem, a maneira intuitiva e audaciosa de como Brizola se posicionou naquele momento. “O Brizola foi brilhante no modo como organizou a resistência democrática e a defesa da Constituição.”



Leonel Brizola durante as atividades da Cadeia da Legalidade

Futebol e política se misturam

O gosto pelas negociações, pelos debates, sempre fez parte do dia a dia de Carlos Bastos. “Sou de um tempo que se acompanhava a Assembleia Legislativa de perto para saber o que pensavam parlamentares como João Goulart, Leonel Brizola, Paulo Brossard, Daniel Krieger”. A política era compreendida, discutida e vivida. A extensão dessa paixão e o envolvimento - além do jornalismo - com a política e com o futebol fizeram com que ele tivesse uma proximidade maior com o PDT e com o Grêmio. “Bastos sempre ocupou cargos relevantes nas redações. Sempre teve lado, clube e partido, mas chama atenção

o fato de ter exercido com tanta imparcialidade e equilíbrio a sua vida profissional”, reconhece José Fogaça.

Para o Grêmio, Bastos foi levado por Fábio Koff. Foi quando ele participou da primeira eleição disputada pelo dirigente. “Fomos derrotados pelo Hélio Dourado, mas no pleito seguinte ganhamos e o Fábio pôde fazer uma grande gestão”. Assim, próximo dos acontecimentos, por mais de duas décadas, ele atuou nos bastidores da política clubística. “Nunca assumi um cargo diretivo, mas sempre era muito requisitado pelos companheiros pela minha capacidade de ler e compreender os mapas em épocas de disputas eleitorais”.

Já ao PDT, Bastos se filiou tão logo Brizola retornou ao Brasil e começou a estruturar o novo partido. Ele se entusiasmou com a volta do líder político e fez questão de assinar ficha. Nunca deixou de ter uma participação nos processos eleitorais e nas discussões políticas. Hoje, ele dá o seu diagnóstico. “Regionalmente, o PDT está bem”, avalia, falando de sua proximidade com o presidente Romildo Bolzan e de como vê o partido internamente. “Mas temos algumas crises em nível nacional causadas pela briga dos irmãos Ciro e Cid Gomes no Ceará.”

Em todas as redações

Raro caso de jornalista gaúcho que não quis se mudar para o Rio de Janeiro (como Flávio Tavares, Tarso de Castro, José Silveira, Leo Schlafman ou Fausto Wolff), nem para São Paulo (como Hélio Gama, Elmar Bones ou José Antônio Severo), Carlos Bastos construiu toda sua carreira nas redações de Porto Alegre. “Quando os meus contemporâneos foram, eu não senti vontade. Depois, ficou tarde.”

O golpe de 64 o pegou na redação da TV Gaúcha, onde era um dos editores do programa *Show de Notícias*. Ficaria na emissora - já como chefe de reportagem e como um dos participantes da criação do *Jornal Nacional* - até o início da década seguinte, quando desceu o Morro Santa Tereza para ser um dos editores da *Zero Hora*. Na mesma época, Bastos teve ainda uma passagem pela Rádio Gaúcha e, em 1971, deixaria a RBS para coordenar o Departamento de Jornalismo da rádio e da TV Difusora (atualmente Bandeirantes). De 1977 a 1979, atuaria na Rádio

Guaíba e, depois, novamente estaria na RBS para novos períodos na TV e no jornal. Dessa última fase, Bastos viveria um outro grande momento profissional ao ser escalado para cobrir a Assembleia Nacional Constituinte, entre 1987 e 1988. “Foi uma grande experiência”, reconhece. “O País se reencontrava com a democracia e o Congresso Nacional era o centro das decisões políticas.”

De volta ao Estado, Bastos saiu da RBS e se engajou na campanha de Alceu Collares (PDT) ao governo do Rio Grande do Sul, em 1990. Com a vitória de Collares, ele foi chamado para encarar uma função inédita: ser secretário de Comunicação Social. Na sequência, Bastos foi ao Legislativo, como assessor do presidente da Assembleia gaúcha, o deputado João Luiz Vargas, em 1997.

Na mesma linha, outras funções surgiram em governos de Germano Rigotto (MDB, no Piratini), José Fogaça (MDB) e José Fortunati (PDT), os dois últimos na prefeitura de Porto Alegre. Em paralelo, Bastos passou a

assinar, a partir de 1998, uma coluna diária aqui no **Jornal do Comércio**, fazendo o que sabia de melhor: escrever e analisar o quadro político.

Representante de uma estirpe que chegou às redações sem passar pela universidade, Bastos foi um mestre para tantos outros. “Do alto de seu temperamento conciliador, ele seguiu fazendo o trabalho de descobrir ótimos repórteres, motivando-os com boas pautas, valorizando-os e compartilhando a sua vasta experiência”, confirma Juarez Fonseca. “Era um mestre diferente, não do tipo que orientava, mas daqueles que deixam os alunos trabalharem sem pressões desnecessárias”, completa Ricardo Chaves.

E aí está um dos poucos arrependimentos de Carlos Bastos. Ele se ressentia de uma maior formação acadêmica, de um diploma, não por qualquer vaidade, mas porque assim - segundo ele - poderia ter um didatismo maior.

Bobagem, Bastos! Tuas centenas de discípulos nunca sentiram falta disso.

Carlos Bastos fala sobre:

Samuel Wainer

“Eu o considero uma figura incrível e fundamental para o jornalismo brasileiro. Um grande inovador, que sabia não apenas escrever como também administrar. Tinha pleno controle das redações”.

Breno Caldas

“Era um dos velhos barões da imprensa. Com ele tive uma convivência ótima, em alto nível. Ele acompanhava toda a produção jornalística, dava liberdade aos profissionais e

fazia muitas cobranças. Estou podendo recordar muito do estilo dele agora que estou lendo a biografia escrita pelo jornalista Tibério Vargas Ramos”.

Maurício Sirotsky Sobrinho

“Conhecia ele desde os tempos de Passo Fundo. Uma figura fundamental na minha vida profissional. Aprendi muito com ele, em especial quando tive cargos de chefia na TV Gaúcha e na Zero Hora”.

Eles falam de Carlos Bastos

José Fogaça, ex-senador e ex-prefeito de Porto Alegre

“Carlos Bastos é uma das mais verdadeiras e raras testemunhas constantes e presenciais da história política do Rio Grande do Sul e do Brasil. O Bastinhos, como alguns de seus amigos gostam de chamar, é um poço de grandes histórias. Um poço de tranquilidade. Um poço de sabedoria jornalística e política. Sua extraordinária biografia profissional demandaria muitos livros para ser escrita por inteiro”.



Ricardo Chaves, ex-editor de Fotografia de Zero Hora

“Eu já conhecia o Bastos há alguns anos e fui reencontrá-lo no início da década de 1970, quando um grupo comandado pelo Lauro Schirmer assumiu a Zero Hora. Não lembro exatamente a função dele, mas recordo com nitidez que ele tinha sensibilidade para definir quem faria o quê. Graças a ele, eu e o Luiz Cláudio Cunha nos tornamos uma dupla de dois focos animados e fazíamos muitas pautas e viagens pelo interior juntos. Trabalhamos na ZH, na sucursal da Abril, na Isto É e em O Estado de S. Paulo. Nunca agradecemos ao Bastos esse “casamento”, que já dura mais do que o meu com Loraine”.

Juarez Fonseca, jornalista e escritor

“Em 1971, eu era secretário de Redação de ZH e o Bastos, chefe de reportagem. Certo dia, a empresa instituiu o uso obrigatório de crachá. Houve uma revolta: ora onde já se viu jornalistas usando crachá? Na época, só bancários e funcionários públicos usavam. O levante teve como resposta da direção um aviso no mural: quem não usar receberá uma advertência; em seguida, uma suspensão; se insistir na desobediência, será demitido. Bastos, então, falou com um por um dos que se rebelaram argumentando que aquilo era bobagem. Por que não usar um crachazinho? Iriam perder o emprego e iriam também prejudicá-lo. Ainda assim, uns seis foram demitidos. Sabia que a “revolta” era apenas fruto de rebeldia juvenil inconsequente. Eu era um dos “rebelde sem causa”. Perdi o emprego em 31 de agosto de 1971, nove meses depois de contratado. Mas tive sorte: em julho do ano seguinte estava de volta. Bastos também sairia pouco mais tarde para outros desafios que o engrandeceram ainda mais”.



Márcio Pinheiro é jornalista e escreveu os livros *Esse Tal de Borghettinho* e *Rato de Redação - Sig e a História do Pasquim*.